

THEODOR KOCH GRÜNBERG, CIENTISTA QUASE DESCONHECIDO

Walter Pinheiro GUERRA

Fora do círculo científico de sua especialidade poucos ouviram falar dele, por assim dizer, um desconhecido. E, o que é mais lamentável, anda esquecido quem tanto fez nos domínios da etnologia. Num gesto nobre, a merecer encômios, o Banco Central da Venezuela e a Universidade Central daquela República tiraram-no da semi-obscuridade em que se encontrava. Sob o patrocínio daquelas entidades, em 1979, veio a lume sua obra mais alentada, *Von Roraima zum Orinoco*, que em castelhano intitulou-se *Del Roraima al Orinoco*.

A pátria de Bolívar antecipou-se a nós, resgatando o notável trabalho, subtraindo-o do olvido em que mergulhara, revificando os estudos e a memória do autor. Mário de Andrade foi dos primeiros a interessar-se pela lenda do Macunaíma, o “herói sem nenhum caráter”, tomada por Koch Grünberg dos índios do norte do Estado do Amazonas, área hoje correspondente a Roraima. Baseado e nela inspirado, compôs sua rapsódia, cujas edições sucedem-se desde 1927 até nossos dias. O curioso é que as pesquisas do sábio alemão desenrolaram-se em território brasileiro, embora Mário de Andrade tenha declarado que Macunaíma era mais venezuelano do que brasileiro. Daí, talvez o fato de a Venezuela ter promovido e atualizado o magnífico feito do alemão.

Nascido a 9 de abril de 1872, na localidade de Grünberg, na Alemanha, adotou por sobrenome o topônimo de seu torrão natal. A morte surpreendeu-o a 8 de outubro de 1924, aos 52 anos de idade. Grande era o seu amor ao Brasil, sobretudo à Amazônia. Foi inicialmente enterrado na barranca do rio Branco, sendo posteriormente trasladado para Manaus, onde se encontra na sepultura 42 217, quadra 8, do cemitério de São João Batista.

O Brasil não correspondeu à sua simpatia para com nosso país e os índios brasileiros, a que tanto amava. Ao que consta, não existe uma praça, uma rua, um parque, uma placa, nada enfim, que recorde seu nome de afamado

indigenista, a não ser sua lápide tumular. Brasileiro a render-lhe culto, foi o dr. Geraldo Pinheiro, ilustre intelectual amazonense, ex-Procurador Geral do Estado. Aliás, foi por um desses inexplicáveis caprichos do destino que lhe fiquei devendo o interesse e a admiração por Koch Grünberg.

Quando da instalação do primitivo Território Federal do Rio Branco, nos idos de 1944, ali fomos ter, ele como Delegado de Polícia e eu, na qualidade de médico daquela incipiente unidade da Federação. Tinha sempre em mãos, como se fora uma Bíblia, um livro de Koch Grünberg, do qual nunca se separava. Desde os quatro anos de idade, ouvira falar no extraordinário explorador, a quem seu genitor conhecera pessoalmente. Desde então, erigiu-o como paradigma, um quase ídolo! A partir daí, empolguei-me também pela personalidade de Koch Grünberg.

Dedicou-se, como nenhum outro à “investigação etnológica, geográfica e lingüística do Novo Mundo” (Egon Schaden). Seu empenho e dedicação a esses estudos trouxeram-no ao Continente Sul-Americano nada menos do que quatro vezes. Entre 1898 e 1900, participou da expedição científica ao alto Xingu. Em seguida, de 1903 a 1905, embrenhou-se nas florestas do noroeste do Brasil, em missão do Museu Etnográfico de Berlim. A terceira vez em que aqui veio ocorreu de 1911 a 1913, desta feita sob o patrocínio do Instituto Baessler, dirigindo-se ao extremo norte do país, em região contígua à Venezuela. Finalmente, em 1924, ei-lo de volta, tangido pelo seu amor à pesquisa e interesse pela cultura dos nossos índios. Integrava a expedição do norte-americano Alexander Hamilton Rice, a qual demandava o Parima. Logo no início da viagem, a morte colheu-o na localidade de Vista Alegre, no médio rio Branco. Vitimou-o a terça maligna, modalidade altamente mortífera da malária.

Causa admiração que, dotado de sólida cultura e costumes europeus, tivesse se acostumado a viver entre os silvícolas, no maior desconforto de um clima equatorial. Em que pese os escassos recursos da época, foi um pioneiro, deles se valendo para documentação de seus trabalhos. O professor Hartmann, diretor do Museu Etnológico de Berlim, em palestra proferida sobre seu ilustre patrcio, enfatizou um aspecto pioneiro de Koch Grünberg: o uso da cinematografia, filmando os índios, seu ambiente e suas danças.

Neste particular, foi considerado o segundo cientista do mundo a utilizar-se do cinema em suas investigações científicas isto em 1911. O primeiro filme desta natureza se deve a um austríaco, em 1908. Koch Grünberg fez mais, gravando discos com canções indígenas.

Percorreu regiões inóspitas, com “coragem, abnegação e paixão científica”. Como indigenista integral, já naquelas alturas preocupava-se com o infausto e sombrio futuro que aguardava os nossos irmãos das selvas. Sua frase

Zwei Jahre unter den Indianern (Dois anos entre os índios). Berlim, 1910. 2 volumes.

Die Mirania. "Zeitschrift für Ethnologie", t. 42. Berlim, 1910.

Aruak Sprachen Nordwestbrasilien und der angrenzenden (As línguas das tribos Aruak, do Nordeste brasileiro e regiões adjacentes). Viena, 1911.

Abschluss meiner Reise durch Nordbrasilien zum Orinoco, mit besonderer Berücksichtigung der von mir besuchten Indianerstämme. (Conclusão da minha viagem através do noroeste do Brasil para o Orinoco, com referência especial às tribos indígenas por mim visitadas). "Zeitschrift für Ethnologie", t. 45. Berlim, 1913.

Vom Roraima zum Orinoco: Ergebnisse einer Reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913. (Do Roraima ao Orinoco: notas de uma viagem ao norte do Brasil e Venezuela nos anos de 1911-1913). Berlim, 1916-1917. 2 volumes.

Ein Beitrag zur Sprache der Ipurina-Indianer (Rio Purus) Brasilien. (Uma contribuição sobre a língua dos índios Ipurina, do rio Purus, Brasil). "Journal de la Societé des Américains de Paris" nova série, tomo XI, 1914-1919.

(Fonte: Alfredo de Carvalho, *Bibliotheca Exotico-Brasileira*, vol. III, 88-92. Rio de Janeiro, Empreza Graphica Editora, 1930).